



Em 'dupla crise', petroleiras tentam lidar com risco de vírus e preços baixos

Plataformas operam em regimes diferenciados para evitar contaminação pela Covid-19, mas trabalhadores resistem a algumas mudanças

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Ao mesmo tempo em que enfrenta impactos financeiros da pior crise, a indústria do petróleo tenta reduzir riscos à saúde dos trabalhadores que mantêm as instalações em operação. Algumas mudanças implantadas até o momento, porém, vêm gerando resistências.

Entre as medidas, estão a redução de contingentes em plataformas e refinarias e a ampliação dos turnos de trabalho. A Petrobras chegou a implantar um período de isolamento prévio em hotéis para avaliação dos que vão embarcar, mas a medida foi suspensa.

As maiores dificuldades estão relacionadas às plataformas em alto-mar, tipo de operação naturalmente confinada e que depende de complexo esquema logístico para levar os trabalhadores de todo o país a aeroportos de onde saem os helicópteros.

O IBP (Instituto Brasileiro do Petróleo, que reúne as petroleiras) criou um comitê de crise para compartilhar melhores práticas e desenvolver procedimentos para reduzir os riscos. "É tudo novo para todo o mundo", diz a presidente da entidade, Clarissa Lins.

Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis), o Brasil tem 103 plataformas de produção de petróleo em operação, 91 delas pela Petrobras. Algumas, localizadas a mais de 200 quilômetros da costa.

A primeira medida adotada pela estatal para reduzir o risco de contágio foi aferir a temperatura dos trabalhadores antes do embarque. Depois, ampliou o período embarcado para 28 dias, dos quais 7 deveriam ser em hotéis sob acompanhamento médico.

Com períodos de embarque mais longos, dizem as empresas do setor, há menos trocas de tripulação nas unidades. "Quanto mais tempo fica uma tripulação não contaminada, mais ela está preservada", afirma a presidente do IBP.

As medidas, porém, geraram críticas. "Imagina um trabalhador ficar enclausurado sete dias dentro de um hotel. Vai embarcar emocionalmente abalado", diz o presidente da FUP (Federação Única dos Petroleiros), José Maria Rangel.

Agora, diz a Petrobras, os sete dias de isolamento prévio devem ser cumpridos em casa, sob acompanhamento de médicos da estatal, que checam o estado do trabalhador e reforçam as orientações recomendadas pelas autoridades.

Para aumentar a segurança, os sindicatos pedem testes em todos os empregados que serão embarcados. A empresa diz testar casos suspeitos. Todos os que apresentam os sintomas são desembarcados o mais rápido possível.

Até o momento, não há confirmação de casos de Covid-19 em suas plataformas. Entre os dias 21 e 22 de março, a empresa desembarcou oito pessoas com sintomas de gripe de uma unidade, mas os resultados não foram divulgados.

As dificuldades, porém, vão além da etapa de embarque. Com a redução no número de voos pelo país e restrições nas estradas, trabalhadores reclamam das dificuldades para chegarem a aeroportos de on-

de saem os helicópteros — os de maior movimento estão no litoral norte do Rio de Janeiro. A prefeitura de Macaé (RJ), onde está uma das principais bases de apoio às plataformas, limitou o acesso à cidade, com barreiras na principal estrada para fiscalizar o tráfego de pessoas e equipamentos.

Lins, do IBP, diz que as restrições ao tráfego foram um dos desafios no início da crise, mas que a questão foi resolvida com a inclusão do setor entre os serviços essenciais. O setor teme, porém, pressões para aumento da arrecadação ou mudanças regulatórias.

A pandemia do coronavírus pegou a indústria de petróleo já em meio a forte crise, provocada pela redução das cotações internacionais após divergências entre grandes exportadores sobre cortes na produção global. Para Lins, do IBP, uma "dupla crise de dimensões sem precedentes".

Com a pandemia, o excesso de oferta do óleo foi agravado por um choque de demanda. Com previsões de queda de até 20% no consumo, as cotações despencaram aos níveis mais baixos desde o início dos anos 2000, iniciando uma onda de cortes de investimento pelo mundo.

Levantamento do IBP aponta que sete grandes empresas, incluindo a Petrobras, cortaram em 20% o total de investimentos previstos antes da crise. A brasileira reduziu sua projeção para 2020 em 30%, para US\$ 8,5 bilhões (R\$ 45 bilhões).

A companhia anunciou cortes de sua produção de petróleo em 200 mil barris por dia, fechando campos menos rentáveis, para evitar gargalos no sistema de armazenamento, problema que o excesso de oferta global começa a gerar.

Na quinta-feira (2), o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, disse que a busca por navios para armazenar petróleo sem compradores já elevou o custo dos fretes para a China de US\$ 3 (R\$ 16) para US\$ 11 (R\$ 59) por barril.

A produção das refinarias também está sendo reduzida, já que não há demanda para produtos como gasolina e querosene de aviação.

A crise chegou em um momento de retomada da atividade petrolífera no país, que esperava os investimentos de empresas estrangeiras que adquiriram blocos exploratórios nos diversos leilões realizados desde o governo de Michel Temer.

O vice-presidente do Cebr (Centro Brasileiro de Relações Internacionais) e ex-diretor da Petrobras, Jorge Camargo, vê um achatamento na curva de investimentos diante dos problemas de caixa das empresas. "Os projetos continuam economicamente viáveis, mas vão valer menos".

Pequenas petroleiras que também investiram em leilões ou em áreas vendidas pela Petrobras pedem ao governo redução nas alíquotas de royalties para sobreviver. O setor tem produção pequena, de cerca de 10 mil barris por dia, mas emprega 12 mil pessoas. "Seria um impacto mínimo nas contas do Tesouro mas com grande relevância social", defende o secretário-executivo da Abpp (Associação Brasileira dos Produtores Independentes de Petróleo), Anabal dos Santos Junior.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painel.sa@grupofohla.com.br

Bandeja

A quarentena impulsionou a receita do Burger King Brasil com delivery e drive thru, mas o avanço não foi suficiente para compensar as vendas perdidas com o fechamento das lojas físicas, segundo Yuri Miranda, presidente da companhia, que também é dona da Popeyes. "É difícil estimar. Isso nunca aconteceu antes", afirma o executivo. A empresa tem mais lojas em shoppings, que foram fechados, do que as de rua, que continuam fazendo entregas e retiradas de pedidos.

PREMONIÇÃO Em 2019, o percentual de abertura das lojas de rua foi maior do que nos centros comerciais, o que agora favorece a empresa.

CARDÁPIO Diferentemente do mantra da demissão repetido pelo setor de restaurantes desde o agravamento da crise, Miranda afirma que a empresa não fez cortes. "Respeito a decisão de cada um, mas temos procurado sustentar as vagas e lançado mão do uso de férias neste momento", diz.

FAÇA A ANR (associação de restaurantes) anunciou uma projeção de que o setor pode ter demitido mais de 600 mil pessoas no país.

GARFO Miranda diz que o Burger King tem posição de caixa sólida para enfrentar a pandemia, mas a imprevisibilidade no cenário dificulta planejar o rumo das vendas. "Podemos até olhar para outros países, mas eles também se comportam de forma diferente".

NUTRIÇÃO Para o executivo, o setor de restaurantes tem um papel social na crise. A empresa vai fornecer cerca de 10 toneladas de hambúrguer, queijo e iogurte para a ONG Banco de Alimentos. Em março, o Burger King anunciou uma doação de R\$ 1 milhão ao SUS.



PROSA
"Nós estamos analisando as medidas do governo de proteção dos empregos para ver como usá-las e sustentar as nossas vagas"

Yuri Miranda
presidente do Burger King Brasil

com Filipe Oliveira e Mariana Grazini

A HORA DO CAFÉ | Fabiane Langona



mos para manter o porto girando e as pessoas continuarem recebendo os produtos em casa", afirma.

A evolução da Covid-19 no porto é acompanhada de perto também pela Prefeitura de Santos. A chegada de um navio turístico de luxo na semana passada, com relatos de contaminados, movimentou a cidade, que teme um colapso no sistema de saúde caso os tripulantes e passageiros desembarcassem na cidade. "É um cenário difícil, não conseguimos comportar tanta gente", conta o secretário da Saúde, Fabio Ferraz. A cidade tem hoje 208 leitos de UTI e aguarda a chegada de aproximadamente 100 novos.

Até sexta (3), o município havia registrado quatro mortes e 96 casos diagnosticados com Covid-19. Estavam sob monitoramento 16 pessoas, à espera do resultado do exame.

Por terra, o fluxo de caminhões que trazem e levam mercadorias segue normal, registrando até aumento. Apenas na última quinzena, 137.643 passaram pelo porto, 14,8% a mais do que no mesmo período do ano passado. Já não se pode dizer que o mesmo ocorre nos casos de atracação. Os terminais projetam queda de até 50% na chegada de navios asiáticos.

O Brasil sente com atraso os reflexos do efeito da Covid-19 do outro lado do mundo: uma embarcação leva 40 dias para chegar ao país zarparando de um porto na China. As atividades portuárias ficaram praticamente paradas entre o Ano Novo chinês e meados de fevereiro. Por um período, o movimento de contêineres quase parou por falta de trabalhadores na China.

Segundo o Santos Brasil, do início de março até 15 de abril, foram canceladas 7 de 16 escalas da Ásia, totalizando 3.550 contêineres cheios que não chegaram. As cargas provenientes das demais rotas estão dentro da normalidade. A BTP, por sua vez, diz que, dos 93 mil contêineres esperados em março vindos da Ásia, 10 mil não chegaram.

Para Tércio, os reflexos da Covid-19 serão sentidos com mais força no segundo trimestre. "Esperamos uma diminuição expressiva de importação, reflexo do isolamento em vários países, que mantém as pessoas em casa, cessa investimentos e consumo".

Quando isso ocorrer, muitos portuários sem vínculo empregatício poderão não ter trabalho. Vão depender de auxílio emergencial do governo.